

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

ANGELINA CLAUDIA SILVA DE SOUZA
MARIA ERICA DA SILVA GALVÃO
WALDIR LEÃO FERREIRA

**Impactos da automedicação: compreensão das consequências e riscos do
uso indevido de medicamentos sem prescrição**

RECIFE/2024

**ANGELINA CLAUDIA SILVA DE SOUZA
MARIA ERICA DA SILVA GALVÃO
WALDIR LEÃO FERREIRA**

**Impactos da automedicação: compreensão das consequências e riscos do
uso indevido de medicamentos sem prescrição**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC do Curso
de Bacharelado em farmácia do Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA,
como parte dos requisitos para
conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Me. Dayvid Batista
da Silva

RECIFE
2024

Folha reservada para a Ficha Catalográfica

**ANGELINA CLAUDIA SILVA DE SOUZA
MARIA ERICA DA SILVA GALVÃO
WALDIR LEÃO FERREIRA**

**Impactos da automedicação: compreensão das consequências e riscos do uso
indevido de medicamentos sem prescrição**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC do Curso de farmácia do
Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Prof. Me. Dayvid Batista da Silva

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

À Deus, por nos guiar, iluminar nossos caminhos e fortalecer nossa jornada. Agradecemos também aos nossos familiares e amigos, que, com paciência e carinho, nos apoiaram incondicionalmente em cada passo. Em especial, nosso mais profundo reconhecimento a Camila Magda, cuja amizade e apoio foram essenciais; a Sthefany Mylena, Thierry Douglas e Átila Iego; e a Maria Francisca e Stephano Luis, pela presença, confiança e amor que nos deram ao longo desta trajetória.

Queremos expressar nosso sincero apreço a todos os professores que compartilharam seus conhecimentos, nos orientaram e inspiraram em nossa formação, contribuindo significativamente para o nosso crescimento acadêmico e pessoal.

De modo especial, somos imensamente gratos ao nosso professor orientador, Dayvid Batista, cuja dedicação, paciência e orientação foram fundamentais para a concretização deste trabalho. Sua sabedoria e incentivo foram essenciais, inspirando-nos a alcançar o nosso melhor e a persistir diante das dificuldades. Foi graças a sua ajuda que chegamos até aqui!

A todos, nossa eterna gratidão.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que
todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

RESUMO

O acesso limitado a medicamentos e serviços de saúde agrava as desigualdades na saúde global, especialmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, onde o Sistema Único de Saúde (SUS) enfrenta desafios estruturais. Essa situação leva a práticas de automedicação, com o uso indiscriminado de analgésicos, antitérmicos e antibióticos, o que aumenta o risco de intoxicação, resistência bacteriana e complicações crônicas. Medicamentos isentos de prescrição (MIPs) são frequentemente usados sem orientação, ampliando o problema e sobrecarregando o sistema de saúde. Sendo assim, objetivo do estudo foi compreender as consequências da automedicação, explorando os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos sem orientação profissional. Para isto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura com busca nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MedLine/PubMed), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O uso indevido de medicamentos sem prescrição, ou automedicação, representa um problema crescente de saúde pública, principalmente entre jovens, que recorrem frequentemente a analgésicos como paracetamol e dipirona. Fatores como a influência da mídia, a facilidade de acesso a medicamentos e a recomendação de leigos incentivam essa prática, que traz riscos à saúde, como efeitos adversos, resistência microbiana e intoxicações. Além disso, a automedicação também agrava problemas ambientais, devido ao descarte inadequado de medicamentos. Para enfrentar essa questão, é crucial promover campanhas educativas e regulamentações eficazes, destacando o papel do farmacêutico na conscientização e uso seguro de medicamentos.

Palavras-Chaves: Automedicação; Atenção Farmacêutica; Mips; Efeitos Adversos.

Impacts of self-medication: understanding the consequences and risks of the misuse of non-prescription drugs

ABSTRACT

Use of Cannabidiol in the Treatment of Alzheimer's Disease: An Integrative Literature Review Limited access to medicines and health services exacerbates global health inequalities, especially in developing countries such as Brazil, where the Unified Health System (SUS) faces structural challenges. This situation leads to self-medication practices, with the indiscriminate use of analgesics, antipyretics and antibiotics, which increases the risk of poisoning, bacterial resistance and chronic complications. Over-the-counter (OTC) medicines are often used without guidance, aggravating the problem and overloading the health system. Therefore, the objective of the study was to understand the consequences of self-medication, exploring the risks associated with the inappropriate use of medications without professional guidance. To this end, an integrative literature review was conducted by searching the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MedLine/PubMed), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (Lilacs) and Virtual Health Library (BVS) databases. The improper use of medications without a prescription, or self-medication, represents a growing public health problem, especially among young people, who frequently resort to painkillers such as paracetamol and dipyrone. Factors such as the influence of the media, easy access to medications and recommendations from laypeople encourage this practice, which poses health risks, such as adverse effects, microbial resistance and poisoning. In addition, self-medication also aggravates environmental problems due to the inappropriate disposal of medications. To address this issue, it is crucial to promote educational campaigns and effective regulations, highlighting the role of pharmacists in raising awareness and safely using medications.

Keywords: Self-medication; Pharmaceutical Care; Mips; Adverse Effects.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Combinação do operador booleano AND para realização dos cruzamentos nas bases de dados.....	11
Tabela 2 - Artigos selecionados para estruturação dos resultados.....	13

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
CFF	Conselho Federal de Farmácia
MIPs	Medicamentos Isentos de Prescrição
SciELO	Scientific Electronic Library Online,
MedLine	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
LiLaCS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
MeSH	Medical Subject Headings
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
AINES	Anti-inflamatório não esteróide

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2 Materiais e métodos.....	10
3 Resultados e discussão.....	12
4 Conclusões.....	17
Referências.....	18

1. Introdução

O acesso a medicamentos é considerado um indicador essencial de progresso no cumprimento do direito à saúde pela Organização das Nações Unidas (ONU). No entanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que apenas dois terços da população mundial têm acesso regular a esses medicamentos, enquanto uma pequena parcela da população dos países desenvolvidos consome a maior parte da produção mundial, revelando desigualdades na distribuição. No Brasil, essas desigualdades são agravadas por dificuldades no acesso aos serviços de saúde e pela sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS), especialmente em regiões com infraestrutura precária e baixa cobertura de serviços especializados. Essas barreiras não apenas limitam o acesso a medicamentos, mas também contribuem para o agravamento das condições de saúde, aumentando a demanda por serviços de saúde e os custos para o sistema¹.

Diante da dificuldade de acesso a médicos e medicamentos, muitas pessoas acabam buscando alternativas para tratar suas condições de saúde. Um comportamento comum é o autodiagnóstico e auto tratamento, muitas vezes baseado em experiências passadas ou em conselhos de amigos e familiares. Isso ocorre devido à falta de orientação médica adequada e pela necessidade de um alívio imediato dos sintomas. A automedicação, é definida como a utilização de medicamentos por iniciativa própria sem orientação profissional, e é considerada um reflexo direto dessa lacuna no acesso a cuidados de saúde². De acordo com o Conselho Federal de Farmácia (CFF) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), a automedicação é o uso de medicamentos sem prescrição ou orientação profissional, abrangendo tanto remédios de venda livre quanto os sujeitos à prescrição. Essa prática é reconhecida pelo SUS como uma questão grave, devido aos riscos de interações medicamentosas, efeitos adversos e agravamento das condições de saúde. Entre os medicamentos mais utilizados de forma inadequada podem ser citados os analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios e antibióticos, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil³.

Segundo pesquisa do CFF, 50% dos brasileiros recorreram a analgésicos e antitérmicos nos últimos seis meses, enquanto 42% utilizaram antibióticos. Esse comportamento de automedicação se agrava ainda mais com o uso de medicamentos para condições crônicas, como hipertensão e diabetes. Muitos pacientes, devido à dificuldade de acesso ao sistema de saúde, ajustam por conta própria as doses dos medicamentos ou até mesmo interrompem o tratamento, o que pode levar ao descontrole da doença e a complicações sérias⁴. Os MIPs, devido à facilidade com que podem ser adquiridos, são utilizados com frequência pela população para tratar condições autolimitadas, como dores de cabeça, resfriados, azia, e dores musculares. A acessibilidade desses medicamentos, tanto pela facilidade de compra quanto pelo baixo custo, tornam eles uma escolha frequente entre os consumidores. Muitas vezes, a população opta por buscar esses medicamentos diretamente nas farmácias, seja por conveniência, seja por evitar o tempo e o custo associados a uma consulta médica. Entretanto, essa preferência pode acarretar sérias consequências para a saúde⁵.

Embora esses medicamentos sejam considerados seguros quando usados corretamente, o uso inadequado e sem orientação pode levar a efeitos adversos graves, causando danos ao fígado, o que pode levar a uma hepatite medicamentosa, hemorragias digestivas e insuficiência renal crônica. Além disso, a interação medicamentosa e a superdosagem também são consequências dessa prática, o que pode agravar o quadro clínico do paciente e levar a episódios de internação ou morte⁶. Milhares de casos de intoxicação são relatados anualmente pelo SUS como resultado do uso indiscriminado de analgésicos, anti-inflamatórios e outros MIPs. Isso causa uma sobrecarga no sistema de saúde e, em alguns casos, leva a complicações graves. A necessidade de internações prologandas, exames diagnóstico e tratamento de suporte traz um aumento nos custos operacionais do SUS. Custos esses que poderiam ser direcionados para outros casos que necessitam de assistência. Tudo isso leva ao aumento do tempo de espera para atendimento e dificulta o acesso aos profissionais de saúde⁷.

Sendo assim, o objetivo do trabalho visou compreender as consequências da automedicação, explorando os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos sem orientação profissional.

2. Material e Métodos

Este trabalho foi realizado por meio de uma revisão integrativa descritiva com cunho retrospectivo, visando compreender as consequências da automedicação a partir do uso de medicamentos sem prescrição médica. A metodologia seguiu cinco etapas distintas e sequenciais: identificação, seleção, triagem, elegibilidade e inclusão, conduzidas de forma metódica para assegurar a qualidade e a relevância dos estudos selecionados.

Na primeira etapa, a de Identificação, foi realizada uma busca nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MedLine/PubMed), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando descritores controlados preconizados pelo *Medical Subject Headings* (MeSH) e/ou Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Os descritores selecionados foram: automedicação, atenção farmacêutica, efeitos adversos, MIPs; Self-medication, pharmaceutical attention, adverse effects, MIPs; automedicación, atención farmacéutica, efectos adversos y PIM. Para delimitar o escopo temporal da pesquisa, foram considerados artigos publicados entre 2019 e 2024. Nesta fase, foram identificados 256 artigos que potencialmente abordavam o tema proposto.

Na etapa subsequente, a de Seleção, os títulos dos artigos previamente identificados foram analisados para verificar se abordavam diretamente o problema da pesquisa. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos e teses disponíveis na íntegra, publicados no período de 2019 a 2024, e redigidos em português ou inglês. Publicações duplicadas, relatos de experiência, trabalhos de conclusão de curso, anais e cartas ao editor foram excluídos. Após a leitura dos resumos dos artigos que passaram por essa filtragem inicial, aqueles que demonstraram aderência aos critérios estabelecidos foram selecionados para a próxima etapa.

A etapa de Triagem consistiu na leitura integral dos artigos que passaram pela fase de seleção. O objetivo desta etapa foi aprofundar a análise dos estudos, assegurando que os mesmos possuísem relevância significativa em relação à pergunta norteadora da pesquisa: "Quais as consequências da automedicação com medicamentos isentos de prescrição médica?". Essa leitura integral permitiu uma avaliação mais detalhada dos objetivos, metodologia e resultados de cada estudo, garantindo que apenas os artigos mais pertinentes fossem considerados. Após a triagem, seguiu-se a etapa de Elegibilidade, onde os artigos foram submetidos a um refinamento final. Nesta fase, foram aplicados critérios adicionais, assegurando que os estudos selecionados não apenas respondessem diretamente à questão de pesquisa, mas também fossem conduzidos com metodologia adequada e atendessem aos objetivos específicos do trabalho. Esse processo garantiu a inclusão de estudos que, de fato, contribuíssem de maneira significativa para a compreensão das consequências da automedicação com medicamentos sem prescrição médica.

Por fim, na etapa de Inclusão, os artigos que atenderam a todos os critérios de elegibilidade foram selecionados para compor a amostra final do estudo. Esses artigos foram analisados em profundidade, e seus resultados foram discutidos no contexto das consequências da automedicação com medicamentos isentos de prescrição médica, proporcionando uma visão abrangente e fundamentada sobre o tema. A estratégia de busca utilizada seguiu a definição de cada base de dados correspondente. Utilizou-se o operador booleano AND com as seguintes combinações: “automedicação AND atenção farmacêutica AND mips AND efeitos adversos” (Tabela 1). As buscas foram adotadas em sua equivalência em espanhol, inglês e português. Sendo assim, foram identificados 256.

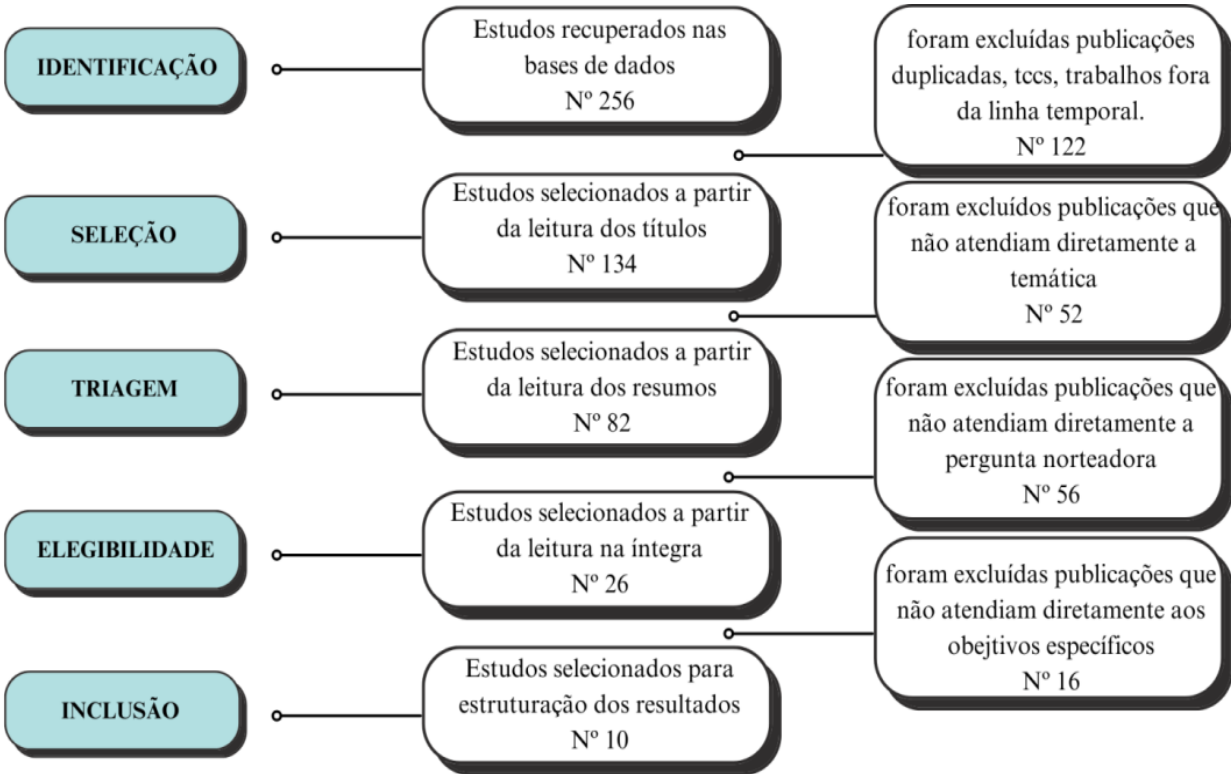
Tabela 1 – Combinação do operador booleano AND para realização dos cruzamentos nas bases de dados

Descritores	Base de dados		
	Mediline/Pubmed	SciELO	Lilacs/BVS
Automedicação AND Atenção farmacêutica	0	11	9
Automedicação AND Mips	0	15	6
Automedicação AND Efeitos adversos	0	18	14
Efeitos adversos AND Atenção farmacêutica	0	9	4
Efeitos adversos AND Mips	0	31	7
Atenção farmacêutica AND Mips	0	28	2
Self-medication AND Pharmaceutical care	5	8	6
Self-medication AND Mips	7	7	2
Self-medication AND Adverse effects	3	3	7
Adverse effects AND Pharmaceutical care	2	9	2
Adverse effects AND Mips	5	21	3
Pharmaceutical care AND Mips	0	12	0
SUBTOTAL	22	172	62
TOTAL	256		

Fonte: Autores (2024)

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram excluídos 122 artigos na etapa de seleção, restando 134 que foram para a etapa de triagem. Na etapa de triagem, foram lidos os resumos dos artigos selecionados, onde foram excluídos 52 artigos, restando 82 que foram para a etapa de elegibilidade. Na etapa de elegibilidade, os trabalhos foram lidos na íntegra, e foram excluídos 56, restando 26 artigos para a estruturação do trabalho. Após esta etapa, foi feita uma etapa de refinamento, onde foram excluídos 16 artigos, restando 10 para a estruturação do resultados (Fluxograma 1).

Fluxograma 1. Fluxograma de identificação, seleção e inclusão dos estudos.



Fonte: Autores (2024)

3. Resultados e Discussão

Dentre os artigos selecionados, 60% estão na língua inglesa e 40% em português brasileiro, demonstrando a predominância da língua inglesa neste tipo de estudo. Destes, 40% foram selecionados na base de dados PubMed e 10% na base de dados Scielo. Para fornecer uma visão detalhada dos principais achados e estatísticas destes estudos, a seguir apresentamos uma tabela (Tabela 2) com os dados extraídos dos artigos revisados, que resume os objetivos, métodos e principais resultados relacionados ao uso de medicamentos e automedicação.

Tabela 2. Artigos selecionados para estruturação dos resultados.

Autor/ano	Título	Objetivo	Tipo de estudo	Periódico	Resultados
Faqihi, Sayed ⁸ (2020)	Prática de automedicação com analgésicos (AINEs e paracetamol) e antibióticos entre estudantes de enfermagem do University College Farasan Campus, Universidade de Jazan, Arábia Saudita	Gerar dados sobre a prática de automedicação com analgésicos, como anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) e paracetamol, além de antibióticos, entre estudantes de enfermagem do University College Farasan Campus durante a pandemia de COVID-19.	Estudo descritivo transversal	<i>Annales pharmaceutiques françaises</i>	As práticas de automedicação foram altas entre os estudantes de enfermagem (n=154 participantes, 87%). O paracetamol foi o medicamento mais usado para fins analgésicos sem prescrição (n=101 participantes, 57%). Entre os AINEs, o ibuprofeno foi o mais preferido para vários fins analgésicos (n=35 participantes, 20%), seguido pelo diclofenaco (n=9 participantes, 5%) e meloxicam (n=5 participantes, 3%). A azitromicina foi o único antibiótico usado pelos participantes (n=4 participantes, 2%). As causas mais comuns de automedicação foram dor de cabeça (45%), dor menstrual (23%) e febre (14%). O principal motivo para a automedicação foi a falta de tempo para consultar o médico (68%). Além disso, a automedicação foi significativamente associada ao ano do estudo (P<0,003).
Quiroz, Ribeiro, Alves e Cavalcante ⁹ (2020)	A influência da mídia sobre a automedicação e o papel do farmacêutico para promover o uso racional de medicamento	Avaliar a influência da mídia na prática da automedicação e o papel do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos.	Revisão bibliográfica	Saúde & Ciência em Ação	O estudo revelou que a mídia é um fator significativo na automedicação. Segundo dados da ONU, o uso inadequado de medicamentos pode levar a até 10 milhões de mortes até 2050. A análise indicou a necessidade de maior fiscalização e conscientização, com ênfase na utilização das mídias sociais pelos farmacêuticos para informar a população sobre os riscos da automedicação e promover práticas seguras de uso de medicamentos.
Ferreira; Carvalho ¹⁰ (2021)	A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública	Relatar a automedicação como um problema de saúde pública mundial e seus principais motivos.	Revisão bibliográfica	<i>Brazilian Journal of Development</i>	A propaganda de medicamentos, especialmente em mídias de amplo alcance e voltada para populações com menor escolaridade, tem incentivado a automedicação. Isso ocorre com frequência para analgésicos, antitérmicos e relaxantes musculares, resultando em riscos de intoxicações e problemas de saúde agravados. As principais causas incluem a recomendação de leigos, prescrições antigas e dificuldade de acesso a profissionais de saúde. A falta de informações sobre efeitos adversos e a ausência de orientação farmacêutica contribuem para o uso inadequado e o aumento de casos de intoxicação e resistência microbiana.

Marinho; Meirelles ¹¹ (2021)	Os riscos associados ao uso de medicamentos isentos de prescrição	Investigar os riscos associados ao uso inadequado de medicamentos isentos de prescrição (MIPs) e identificar os MIPs mais frequentemente utilizados.	Revisão bibliográfica	Revista Saúde Multidisciplinar	Os MIPs mais utilizados identificados foram Dorflex, Neosaldina, Torsilax, Addera D3, Sal de Eno e Novalgina. O Torsilax foi destacado como o medicamento com maior risco, associado a comprometimento da função renal e aumento da pressão arterial. A pesquisa ressaltou que o uso inadequado e excessivo desses medicamentos pode agravar doenças e mascarar sintomas, enfatizando a importância da orientação farmacêutica para o uso seguro de MIPs.
Paula; Souza; Campos ¹² (2021)	Uso irracional de medicamentos: perspectiva cultural de uma	Analisar produções acadêmicas sobre o uso irracional de medicamentos, abordando as problemáticas e consequências associadas a essa prática.	Revisão bibliográfica	<i>Brazilian Journal of Development</i>	O artigo destaca que as principais causas do uso irracional incluem influências culturais medicamentais, práticas inadequadas de prescrição, ações das indústrias farmacêuticas e orientações ineficientes. O estudo revela que essas práticas podem levar a consequências negativas significativas para a saúde pública.
Sánchez-Sánchez et al. ¹³ (2021)	Consumo de medicamentos de venda livre: prevalência e tipo de medicamentos	Investigar a prevalência e o tipo de medicamentos de venda livre (OTC) consumidos pela população espanhola e destacar os riscos potenciais associados ao uso inadequado desses medicamentos, como autodiagnóstico incorreto e ingestão de doses inadequadas, que podem resultar em efeitos colaterais e interações medicamentosas adversas.	Estudo observacional descritivo transversal	<i>International Journal of Environmental Research and Public Health</i>	O estudo revelou que 78,9% dos participantes já haviam utilizado ou estavam utilizando medicamentos de venda livre. Observou-se que o consumo de medicamentos de venda livre diminuía com a idade, sendo de 36,4% entre indivíduos com 71 anos ou mais. Os analgésicos foram os medicamentos de venda livre mais comumente utilizados (49,1%), especialmente entre mulheres, jovens com qualificações educacionais não formais e pessoas de nível socioeconômico baixo-médio que vivem em áreas urbanas.
Cardoso et al. ¹⁴ (2022)	O uso indiscriminado de medicamentos de venda livre no Brasil	Conceituar Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) de acordo com a legislação, ressaltar a necessidade de orientação farmacêutica	Revisão bibliográfica	Revista Brasileira de Ciências da Saúde	O estudo conclui que os MIPs são amplamente utilizados no Brasil, representando 30% do mercado farmacêutico. A pesquisa destaca a importância de uma orientação adequada por profissionais farmacêuticos para evitar o uso indiscriminado desses medicamentos, o que pode levar a efeitos adversos como intoxicações e interações

		na aquisição desses medicamentos, e descrever os MIPs mais consumidos no Brasil.			medicamentosas. A revisão revelou que os MIPs são cada vez mais procurados para autocuidado, reforçando a necessidade de educação e orientação para o uso seguro desses medicamentos.
Oliveira; Peder ¹⁵ (2022)	Prevalência de automedicação entre usuários de farmácia no interior do Paraná	Analisar a prevalência da automedicação e identificar os medicamentos mais utilizados entre os usuários de uma farmácia no interior do Paraná.	Pesquisa descritiva e quantitativa	<i>Research, Society and Development</i>	A automedicação foi comum entre os participantes da pesquisa, com destaque para a dipirona (72%) e o paracetamol (64%) como os medicamentos mais utilizados. As principais influências para a automedicação foram ter o medicamento em casa (42%) e sobra de medicamento de tratamentos anteriores (38%). Os problemas de saúde mais frequentemente tratados foram dor de cabeça (74%) e dor nas costas (22%). A facilidade de acesso e a influência de fatores como recomendações de familiares e amigos, bem como a mídia, foram significativas na decisão de automedicação.
Thenmozhi; Sharmil ¹⁶ (2023)	Práticas de automedicação de pessoas de comunidades rurais: um estudo transversal	Identificar a prevalência, frequência, queixas comuns, fontes primárias e medicamentos regularmente utilizados para automedicação entre pessoas de comunidades rurais.	Estudo transversal	<i>Indian Journal of Community Medicine</i>	A automedicação foi comum em 60,5% das pessoas, e 46,6% delas utilizam analgésicos com frequência. A condição mais frequente para a qual as pessoas usaram automedicação foi dor de cabeça (30,4%). A prática foi significativamente correlacionada com a faixa etária mais jovem e o nível de escolaridade.
Trisha et al. ¹⁷ (2024)	Prevalência, conhecimento, causas e práticas de automedicação durante a pandemia de COVID-19 em Bangladesh: uma pesquisa transversal	Avaliar a prevalência, conhecimento, causas e práticas de automedicação entre a população de Bangladesh durante a pandemia de COVID-19.	Estudo transversal	Publicado na plataforma Cureus, com o DOI: 10.7759/cureus.52061	O estudo encontrou que 64,15% dos participantes tinham conhecimento suficiente sobre automedicação, enquanto 35,8% apresentavam conhecimento insuficiente. As principais razões para a automedicação durante a pandemia de COVID-19 foram a influência de amigos e familiares (90,74%), medo de infecção ou contato com casos de COVID-19 (73,15%), e medo de quarentena ou autoisolamento (72,22%). Os medicamentos mais comumente utilizados para automedicação foram analgésicos (84%), antiulcerosos/antiácidos (42%), vitamina C e multivitamínicos (42%), e antibióticos (32%). O estudo ressalta a importância de aumentar a conscientização sobre as práticas de automedicação e adotar medidas para controlá-las, especialmente entre aqueles com níveis educacionais mais baixos.

Fonte: Autores (2024)

O uso indevido de medicamentos sem prescrição, também conhecido como automedicação, pode ter consequências graves para a saúde pública, refletindo um problema crescente em diversas populações. Esta prática pode resultar em efeitos adversos, interações medicamentosas perigosas e o agravamento de condições de saúde. A análise das práticas de automedicação revela uma preocupação com os riscos associados ao uso não supervisionado de medicamentos. A análise dos dados coletados por Faqihi e Sayet⁸ (2020) revela que a prática da automedicação apresenta índices maiores entre jovens universitários, com 87% dos participantes relatando o uso de medicamentos sem prescrição. Os autores afirmam que os medicamentos mais utilizados são paracetamol, dipirona e alguns AINEs, como o ibuprofeno. Essa informação é complementada pelos autores Oliveira e Peder¹⁵ (2022), que afirmam que esses medicamentos são os que apresentam a maior taxa de consumo, com a dipirona apresentando 72% e o paracetamol (64%). Thenmozhi e Sharmil¹⁶ (2023) Corroboram com esses dados reafirmando que os analgésicos são a classe medicamentosa mais consumida sem orientação profissional, representando 46,6% do público avaliado. A partir desta informação, é possível ser observado um padrão comum de buscar alívio rápido para sintomas comuns, como dor de cabeça, desconforto muscular e dor menstrual.

Essa alta prevalência citada também é refletida no estudo de Sánchez-Sánchez *et al.*¹³ (2021) revelando que uma expressiva maioria dos participantes (78,9%) já havia utilizado ou estava utilizando medicamentos sem prescrição médica. Este alto índice demonstra que muitas pessoas recorrem a medicamentos de venda livre sem necessariamente buscar orientação médica. Diante disso, de acordo com os autores, entre os medicamentos de venda livre mais comumente utilizados, os analgésicos lideram, representando 49,1% do consumo¹³. Em linha com essa temática, o estudo de Marinho e Meirelles¹¹ (2021) fornece uma informação complementar quando afirma que os MIPs de fato estão entre os medicamentos mais utilizados pela população, estando em destaque o Dorflex, Neosaldina, Torsilax, Addera D3, Sal de Eno e Novalgina. Um resultado semelhante é apresentado por Thenmozhi e Sharmil¹⁶ (2023), que afirma que o perfil de consumo populacional inclui analgésicos (84%), antiulcerosos/antiácidos (42%), vitamina C e multivitamínicos (42%), e antibióticos (32%).

Ainda sobre o uso de MIPs, é importante ressaltar que, além dos altos índices de consumo citados por Marinho e Meirelles¹¹ (2021), a influência da mídia apresenta uma grande barreira entre o uso consciente e a automedicação desses medicamentos, como discutido por Rocha, Santos e Junior⁹ (2020). Os autores afirmam que a mídia desempenha um papel ambíguo, incentivando a prática da automedicação a partir de propagandas e divulgações. Esse tipo de ação passa para a população a ideia de que aqueles medicamentos podem ser consumidos sem acompanhamento médico ou farmacêutico e sem que haja nenhuma consequência. Contudo, esta prática leva a formação das chamadas farmácias caseiras, que levam não só a automedicação como a intoxicação por medicamentos vencidos, além de corroborar para o descarte incorreto de medicamentos⁹.

Nesse sentido, os resultados obtidos por Ferreira e Carvalho¹⁰ (2021) contibuem e ampliam a compreensão sobre os fatores que influenciam à automedicação, destacando o papel da propaganda de medicamentos como um fator significativo na promoção desse comportamento. A pesquisa revela que a exposição à publicidades direcionadas, especialmente em mídias amplamente acessíveis e para públicos com menor nível de escolaridade, tem incentivado a automedicação. Além disso, os autores também afirmam que a recomendação de leigos, a utilização de prescrições antigas e a dificuldade de acesso a profissionais de saúde qualificados estão entre as principais causas do uso de medicamentos sem prescrição médica. Essa discussão sobre a influência da propaganda e a necessidade de regulamentação reforça a urgência de estratégias integradas para enfrentar os desafios da automedicação e promover práticas de uso seguro de medicamentos¹⁰.

Entretanto, é importante considerar o impacto das influências culturais e sociais nessa prática, como abordado por Paula, Souza e Campos¹² (2021). Os autores exploram o uso irracional de medicamentos a partir de uma perspectiva cultural, destacando que esse comportamento é frequentemente moldado por diversos fatores, como a cultura medicamentosa enraizada na sociedade, as práticas inadequadas de prescrição, as ações de marketing das indústrias farmacêuticas e a orientação ineficiente de profissionais de saúde. Esses elementos se combinam para promover um ambiente propício à automedicação e ao uso irracional de medicamentos¹². Já o estudo de Cardoso *et al.*¹⁴ (2022) reforça essa informação, uma vez que os autores reafirmam que o uso indiscriminado de medicamentos sem prescrição médica representa 30% do mercado farmacêutico no Brasil, e é impulsionado pela falta de acesso adequado aos serviços de saúde, pela influência da mídia que promove o consumo de medicamentos e pelo autodiagnóstico realizado pelos próprios usuários. Além disso, os autores reforçam que o fácil acesso a esses medicamentos, muitas vezes

sem a devida informação, pode levar ao agravamento de condições de saúde ou mascarar sintomas de doenças subjacentes¹⁴.

Os autores Trisha et al.¹⁷ (2024) afirmam que, durante a pandemia, os fatores que mais incentivaram a automedicação foram a influência de amigos e familiares (90,74%), medo de infecção ou contato com casos de COVID-19 (73,15%), e o medo de quarentena ou autoisolamento (72,22%). Partindo desse princípio, os autores Thenmozhi e Sharmil¹⁶ (2023) afirmam que a automedicação pode ser uma resposta imediata não só a questões demográficas mas também à problemas de saúde considerados comuns, questões psicológicas e influências parentais.

Contudo, esta prática pode gerar danos significativos não só à saúde como ao meio ambiente. Faqih e Sayet⁸ (2020) apontam que o uso indiscriminado de medicamentos aparentemente seguros, como o paracetamol, pode causar sérios danos hepáticos, especialmente em dosagens excessivas. Além disso, o consumo de anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), como o ibuprofeno, sem acompanhamento médico, está relacionado a problemas gastrointestinais e renais, destacando a necessidade de supervisão para evitar complicações. Segundo dados da ONU mencionados no estudo de Quiroz, Ribeiro, Alves e Cavalcante⁹ (2020), a automedicação inadequada pode resultar em até 10 milhões de mortes até 2050, um dado alarmante que destaca a urgência de uma abordagem mais responsável na disseminação de informações sobre medicamentos¹⁸. Além disso, Paula, Souza e Campos¹² (2021) destacam os impactos desta prática para a saúde pública, com o uso inadequado levando ao aumento da resistência microbiana e sobrecarregando o sistema de saúde com o tratamento de complicações evitáveis. Além disso, o uso prolongado de medicamentos não só pode resultar em reações adversas, mas também aumentar os custos para o setor público.

Cardoso et al.¹⁴ (2022) e Thenmozhi e Sharmil¹⁶ (2023) ressaltam que a automedicação pode promover intoxicações e resistência a antibióticos, aumentando a gravidade dos problemas de saúde. Essa prática também está relacionada ao uso inadequado de vitaminas, muitas vezes percebidas como preventivas ou curativas de doenças, mas que, sem comprovação científica, não trazem os benefícios esperados. Adicionalmente, a automedicação também traz consequências ambientais. A formação do que chamamos de farmácias caseiras gera um acúmulo de medicamentos não utilizados, o que resulta diretamente no descarte inadequado de remédios em vasos sanitários, ralos, pias e lixo comum. Isso contamina vias fluviais, afetando mares, rios, lençóis freáticos e consequentemente atingindo a vida vegetal e animal, provocando bioacumulação. Além disso, a contaminação pode se estender para o solo, o que pode levar a episódios de desertificação e inferilidade devido as ligações polares que os medicamentos fazem com os sais minerais do solo. Esses danos ambientais, associados à automedicação, mostram como o uso irresponsável de medicamentos não apenas ameaça a saúde individual, mas também o equilíbrio ecológico¹⁶.

Diante do impacto da desinformação, o estudo de Trisha et al.¹⁷ (2024) reforça a necessidade de intervenções para aumentar a conscientização sobre o uso seguro de medicamentos, especialmente entre aqueles com menor nível educacional. As campanhas educativas devem focar na disseminação de informações corretas e na importância de seguir orientações médicas e farmacêuticas, especialmente em tempos de crises sanitárias. Além disso, políticas públicas mais eficazes são necessárias para controlar a automedicação, evitando práticas inadequadas que possam ter consequências de longo prazo para a saúde da população. Os autores também afirmam que é responsabilidade da indústria farmacêutica e das farmácias comunitárias promoverem campanhas de conscientização e realizarem a implantação de postos de coleta para que a população tome conhecimento sobre esse tipo de ação e saiba que existe um local certo de descarte. A presença do profissional farmacêutico é de suma importância nesta abordagem, uma vez o profissional, junto a comunidade, pode promover a conscientização populacional¹⁷.

4. Conclusão

A prática da automedicação, presente em diferentes contextos sociais, reflete um comportamento impulsionado por fatores como acesso facilitado a medicamentos, campanhas publicitárias, influências culturais, falta de conhecimento adequado sobre o uso de medicamentos e dificuldades de acesso aos serviços de saúde. Esses fatores, aliados à percepção equivocada de segurança no uso de medicamentos isentos de prescrição, contribuem para um consumo inadequado de medicamentos. O uso indevido de medicamentos sem prescrição médica pode resultar em vários riscos à saúde, como efeitos adversos, reações alérgicas, intoxicações, interações medicamentosas, mascaramento de sintomas de doenças graves, desenvolvimento de resistência bacteriana e, em casos extremos, a morte. Além disso, o consumo

indiscriminado de medicamentos pode gerar um aumento dos custos para os sistemas de saúde devido ao tratamento de complicações decorrentes do uso inadequado de fármacos.

As evidências encontradas no decorrer desta pesquisa reforçam a necessidade de estratégias para minimizar os riscos associados à automedicação. Isso inclui campanhas educativas direcionadas à população, esclarecendo sobre os perigos do uso de medicamentos sem orientação profissional e promovendo o uso racional de medicamentos. A orientação farmacêutica é considerada como uma ferramenta essencial na promoção da saúde, destacando o papel do farmacêutico não apenas na dispensação de medicamentos, mas também na educação do paciente e na vigilância sanitária. Sendo assim, a automedicação é uma prática que necessita de atenção urgente e coordenada por parte dos profissionais de saúde, legisladores e a sociedade em geral.

5. Referências

1. Drummond ED, Simões TC, Andrade FB de. Acesso da população brasileira adulta a medicamentos prescritos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2018 Aug 2;21(0).
2. Ferreira IS, Carvalho CJS de. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública/ A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública. *Braz. J. Desenvolver*. [Internet]. 2021, 7 de junho [citado em 26 de agosto de 2024];7(5):47642-5. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29676>
3. Ruiz AC. A A AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL E A ATENÇÃO FARMACÊUTICA NO USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS. *RSM* [Internet]. 23º de maio de 2022 [citado 26º de agosto de 2024];11(1). Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/353>
4. Xavier MS, Castro HN, de Souza LGD, de Oliveira YSL, Tafuri NF, Amâncio N de FG. Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura / Self-medication and health risk: a literature review. *Braz. J. Hea. Rev.* [Internet]. 2021 Jan. 7 [cited 2024 Aug. 26];4(1):225-40. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/22665>
5. Santos ST da S, Albuquerque NL de, Guedes JP de M. The risks of self-medication with exempted prescription drugs (MIPs) in Brazil . *RSD* [Internet]. 2022 May 30 [cited 2024 Aug. 26];11(7):e42211730493. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/30493>
6. Guimarães PHD, Pacheco RP, Morais Y de J. Assistência farmacêutica e uso de medicamentos de venda livre (MIPs). *RSD* [Internet]. 2021 Set. 27 [citado 2024 Ago. 26];10(12):e485101220405. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20405>
7. Calado G de A, Silva MV da, Lima CG. Riscos da automedicação e a importância da venda controlada de medicamentos. *REASE* [Internet]. 6º de junho de 2024 [citado 27º de agosto de 2024];10(6):1117-29. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14373>
8. Faqih AHMA, Sayed SF. Self-medication practice with analgesics (NSAIDs and acetaminophen), and antibiotics among nursing undergraduates in University College Farasan Campus, Jazan University, KSA. *Ann Pharm Fr*. 2021 May;79(3):275-285. doi: 10.1016/j.pharma.2020.10.012. Epub 2020 Oct 21. PMID: 33098875; PMCID: PMC7577276.
9. Queiroz, S. L., Ribeiro, T. C. C., de Fátima Alves, O., Cavalcanti, D. D. S. P.. A influência da mídia sobre a automedicação e o papel do farmacêutico para promover o uso racional de medicamento. *Saúde & ciência em ação*, v. 8, n. 1, p. 130-145, 2020. Disponível em: <http://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaICS/article/view/982>
10. Ferreira IS, Carvalho CJS de. A influência da propaganda de medicamentos na prática da automedicação: um problema de saúde pública/ The influence of drug advertising in the practice of self-medication: a

public health problem. *Braz. J. Develop.* [Internet]. 7º de junho de 2021 [citado 8º de outubro de 2024];7(5):47642-5. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29676>

11. Marinho, Laynna Núbia; Meirelles, Lyghia Maria Araújo. Os riscos associados ao uso de medicamentos isentos de prescrição. *Revista saúde multidisciplinar*, v. 9, n. 1, 2021. Disponível em:
<http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/144>
12. Paula CC da S, Campos RBF, de Souza MCRF. Uso irracional de medicamentos: uma perspectiva cultural / Irrational use of medicines: a cultural perspective. *Braz. J. Develop.* [Internet]. 4º de março de 2021 [citado 8º de outubro de 2024];7(3):21660-76. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25683>
13. Sánchez-Sánchez E, Fernández-Cerezo FL, Díaz-Jimenez J, Rosety-Rodriguez M, Díaz AJ, Ordonez FJ, Rosety MÁ, Rosety I. Consumption of over-the-Counter Drugs: Prevalence and Type of Drugs. *Int J Environ Res Public Health*. 2021 May 21;18(11):5530. doi: 10.3390/ijerph18115530. PMID: 34064096; PMCID: PMC8196755.
14. Cardoso DS, Magalhães EQ, Barros LG, Alho R da C, Silva AT da, Oliveira Junior JRF de, Rodrigues Junior OM. The indiscriminate use of over-the-counter drugs in Brazil . *RSD* [Internet]. 2022Jul.9 [cited 2024Oct.8];11(9):e26811931503. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/31503>
15. Oliveira G, Peder L. Prevalência da automedicação entre pessoas em uma farmácia no interior do Paraná. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 14, e348111436291, 2022 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i14.36291>
16. Thenmozhi B, Sharmil SH. Self-medication Practices of the Rural Community People: A Cross-Sectional Study. *Indian J Community Med*. 2023 Jul-Aug;48(4):619-622. doi: 10.4103/ijcm.ijcm_842_22. Epub 2023 Jul 14. PMID: 37662137; PMCID: PMC10470567.
17. Trisha SM, Ahmed SB, Uddin MF, Tabassum TT, Rahman NA, Gupta M, Samiha M, Moulee ST, Al Sakir DI, Podder V, Agarwala RK, Agarwala N, Singhanian P, Tulsan SK. Prevalence, Knowledge, Causes, and Practices of Self-Medication During the COVID-19 Pandemic in Bangladesh: A Cross-Sectional Survey. *Cureus*. 2024 Jan 10;16(1):e52061. doi: 10.7759/cureus.52061. PMID: 38348002; PMCID: PMC10859611.
18. Organização das Nações Unidas (ONU). Até 2025, 10 milhões de pessoas podem morrer por causa da automedicação. *Acervo Correio Braziliense* [Internet], 2019. Disponível em:
<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/04/30/interna-brasil,752285/ate-2025-milhoes-de-pessoas-podem-morrer-por-causa-da-automedicacao.shtml>